

“Nunca a Boa Fiandeira Ficou Sem Camisa”

os cossoiros da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)

Elsa Luís¹

O SÍTIO DA FRAGA DOS CORVOS

O sítio da Fraga dos Corvos localiza-se em Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros, e é já bem conhecido da literatura relativa à Idade do Bronze no Norte de Portugal. Trata-se de um sítio que foi ocupado, pelo menos, em dois momentos distintos – no Bronze Médio (Sector A e Abrigo 2?) e, provavelmente, na transição Bronze Final / Idade do Ferro (Abrigo 2; Sectores A e M).

Estas ocupações tiveram lugar no topo de um cabeço destacado da Serra de Bornes, na sua vertente Noroeste, local com boa visibilidade quer para a bacia de Macedo de Cavaleiros, quer para a própria vertente Norte da serra. Domina assim não só um conjunto de recursos naturais, como terrenos férteis, mas também as portelas tradicionais de entrada e saída deste território.

A área correspondente ao Bronze Médio é hoje relativamente bem conhecida, tendo revelado uma ocupação de carácter habitacional em várias fases, sendo que a primeira, imediatamente acima do substrato geológico, é a que se afigura melhor preservada, especialmente por ter sido feito um investimento em estruturas mais resistentes (pétreas) e um arranjo do solo para a construção, diminuindo assim os efeitos da acentuada erosão natural que aquela área sofre (SENNA-MARTÍNEZ e LUÍS, 2011; LUÍS, REPRESAS e SENNA-MARTÍNEZ, 2012). Nestes contextos foram exumados vários conjuntos de materiais arqueológicos distintos que têm permitido dissertar sobre a natureza da ocupação desta área, mas também sobre o modo de funcionamento das comunidades desta época (LUÍS, 2010 e 2013; SENNA-MARTÍNEZ *et al.*, 2011; MATOS, 2011).

RESUMO

Apresentação e discussão de um conjunto de 19 cossoiros provenientes do sítio da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), inseríveis possivelmente no Bronze Médio, mas sobretudo no Bronze Final / Idade do Ferro.

Analisam-se os atributos morfológicos e as técnicas de fabrico destas peças essenciais para a fição.

Discute-se ainda o tipo de produção associada a estes artefactos, bem como as implicações que os mesmos teriam no seu contexto crono-cultural.

PALAVRAS CHAVE: Idade do Bronze; Idade do Ferro; Tecelagem.

ABSTRACT

Presentation and discussion of a set of 19 spindle-whorls from the Fraga dos Corvos site (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), possibly dating from mid Bronze Age, but mostly from the Late Bronze / Iron Age.

The author analyses the morphological characteristics and building techniques of these pieces that were essential for spinning. She also discusses the type of production associated to these artifacts, as well as the implications they would have within their chronological and cultural context.

KEY WORDS: Bronze Age; Iron Age; Weaving.

RÉSUMÉ

Présentation et discussion au sujet d'un ensemble de 19 molettes provenant du site de Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), probablement intégrés dans le Bronze Moyen, mais surtout dans le Bronze Final / Age de Fer.

On analyse les attributs morphologiques et les techniques de fabrication de ces pièces essentielles pour le filage. On discute également le type de production associée à ces ouvrages, ainsi que les implications que ces derniers auraient dans leur contexte chrono-culturel.

MOTS CLÉS: Âge du Bronze; Âge du Fer; Tissage.

¹ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). Bolseira de Doutoramento FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SERH/BD/72369/2010) (elsavluis@gmail.com).

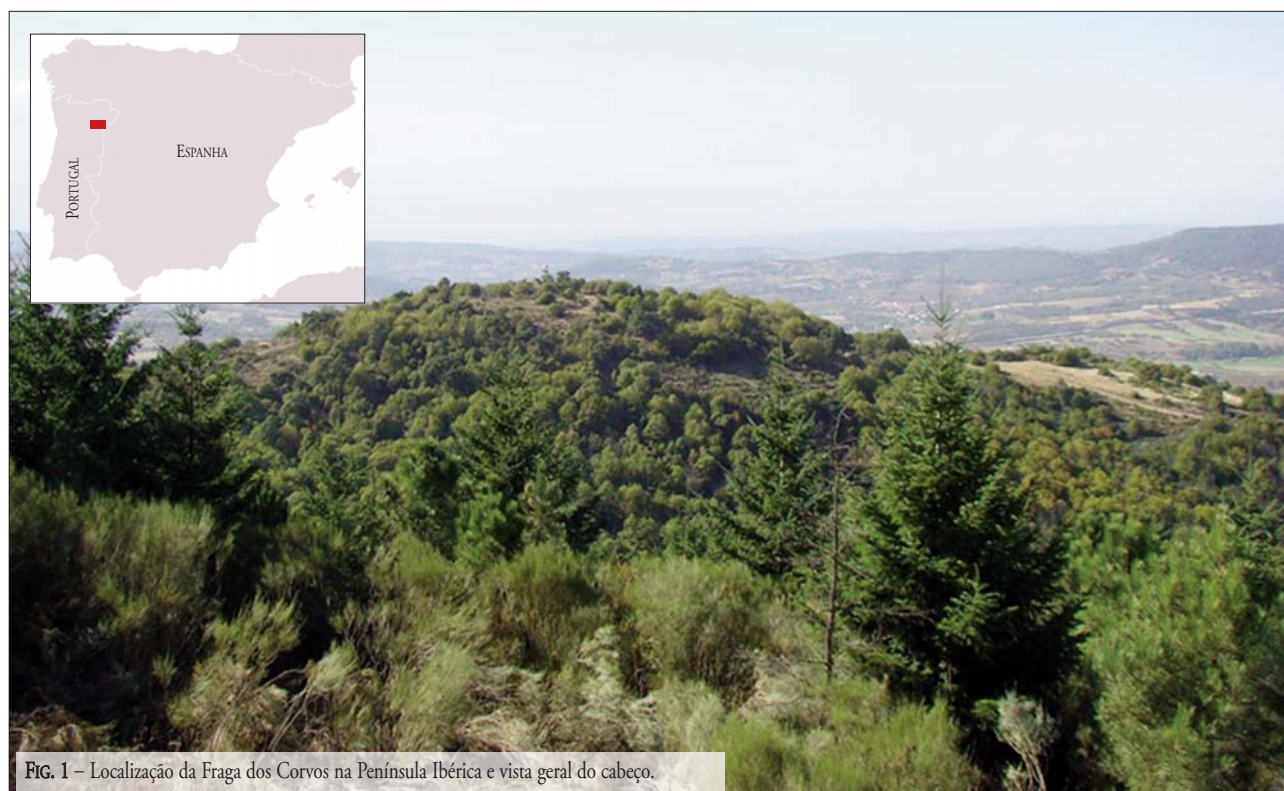


FIG. 1 – Localização da Fraga dos Corvos na Península Ibérica e vista geral do cabeço.

A ocupação do Bronze Final / Idade do Ferro foi identificada em vários pontos do cabeço: no Abrigo 2, no Sector A (ambiente Norte) e no Sector M. Estes dois últimos espaços ainda se encontram em processo de escavação e no caso concreto do Sector M ainda em fase inicial dos trabalhos e do tratamento da informação. Ainda é cedo para determinar a natureza e a extensão da ocupação identificada no Sector M, mas os materiais recolhidos nas suas camadas mais superficiais fornecem indicadores cronológicos que apontam para realidades situadas em torno ao século VII a.C. (SENNA-MARTÍNEZ *et al.*, 2012; REPRESAS, 2013).

Desta ocupação mais tardia do sítio destaca-se um conjunto de oito agulhas metálicas de vários tamanhos, que se poderão relacionar com a actividade de produção de tecidos; além dos cossoiros aqui registados, são os únicos indicadores inequívocos desta esfera de actividades no sítio arqueológico.

No que diz respeito à tecelagem, concretamente, os dados são mais problemáticos. Como já foi discutido em outras ocasiões (ver LUÍS, REPRESAS e SENNA-MARTÍNEZ, 2012), existe um conjunto já relativamente extenso de artefactos de pedra polida, perfurados uma ou duas vezes, que, à primeira vista, se assemelham aos conhecidos pesos de tear pré-históricos – mas estes em cerâmica, habitualmente. Vários são os motivos que nos causam dúvidas quanto à sua associação à tecelagem: a sua diversidade morfológica (não há dois iguais), o grau de investimento feito em alguns deles (sobretudo os do Bronze Médio); a ausência de vestígios de uso – a matéria-prima dominante destes artefactos é o xisto, normalmente xistos moles como o talco, pelo que facilmente registariam marcas de utilização.

Um estudo mais aprofundado poderá fornecer mais indicações para esta discussão.

Os cossoiros deste sítio foram inicialmente referidos / publicados em LUÍS (2010) e LUÍS, REPRESAS e SENNA-MARTÍNEZ (2012), elaborando-se neste espaço uma reflexão mais alargada.

OS COSSOIROIS E A FIAÇÃO

Os cossoiros ou fusaiolas são “pequenos discos lisos ou decorados, de vários tipos ou formas, na sua maior parte feitos em argila, mas também em pedra, tendo uma perfuração central” (SILVA e OLIVEIRA, 1999: 5), que se destinariam a colocar na extremidade do fuso, de modo a funcionarem como seu volante / impulsionador, “que mantinha e prolongava o movimento rotativo que a mão da fiandeira lhe imprimia” (IDEM), ou seja, auxiliam na passagem de meadas de matéria-prima para um único fio.

Podem ser de diferentes formas e tamanhos, sendo que essas características se relacionam com diferentes tipos de espessuras de fio pretendidas e/ou com a própria natureza da matéria-prima.

Apesar de o processo de fiação poder ser feito de forma manual, sem recurso ao fuso, a utilização deste acarreta várias vantagens: torna a tarefa mais rápida, impede que o fio acabado se entrelace ou se torça durante o processo e permite que a quantidade de fio feito de uma só vez seja bastante superior – porque antes ficaria limitada à extensão do braço. O fuso permite ainda armazenar o fio mantendo-o em tensão (BARBER, 1993: 42).

Na Península Ibérica os cossoiros encontram-se documentados provavelmente a partir do Calcolítico (CASTRO CUREL, 1980; FABIÁN GARCIA, 2004) sendo, contudo, bastante raros. São, na sua maioria, discóides e com diâmetros significativamente superiores aos de períodos mais recentes, nomeadamente da Idade do Ferro.

A Idade do Bronze verá, paulatinamente, a maior utilização deste tipo de utensílios, ao mesmo tempo que a sua variedade tipológica também evolui. Para o Bronze Inicial as referências são muito escassas, mas a sua existência era conhecida em algumas regiões. Destaca-se o caso excepcional de Terlinques, em Alicante, no qual um incêndio preservou uma unidade habitacional, tendo no seu interior um conjunto de nove bobinas de fio de junco associado a um cossoiro de forma bicónica achatada (JOVER MAESTRE *et al.*, 2001). No Bronze Médio são raros, registando-se a sua presença, por exemplo, no mundo Argárico (ver CASTRO CUREL, 1980), como no Cerro de la Viuda em Lorca ou Peñalosa (RUIZ DE HARO, 2012: 139), na região Valenciana, como em Ereta del Castellar (Vilafranca – RIPOLLÉS ADELANTADO, 1997); ou na Meseta Norte como Cerro del Obispo (Castillo de Bayuela, Toledo – RODRÍGUEZ-MALO, 1999).

No Bronze Final a presença de cossoiros torna-se bem mais frequente e assinala-se uma maior diversidade morfológica. Estes estão representados em praticamente todas as regiões peninsulares mas são poucos os exemplares provenientes de cada sítio.

Será já em plena Idade do Ferro que se assiste à proliferação e diversificação deste tipo de artefactos, em termos tipológicos e de tamanhos. São vários os sítios nos quais se documentam diversos exemplares de cossoiros, possibilitando distinguir áreas funcionais dentro de povoados e tecer considerações mais alargadas sobre o tipo de matérias-primas e a quantidade de produção, bem como, em alguns casos, discutir questões de género e posição social (ver RAFAEL FONTANALS, 2007). É igualmente na Idade do Ferro que se assiste à introdução de cossoiros como artefactos votivos nos enterramentos (*IDEM*), ou ainda que são utilizados também como suporte de grafitos (PEREIRA, 2013).

FORMAS E CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS

A construção / selecção dos critérios morfológicos foi a parte mais morosa deste trabalho, pois na bibliografia são escassas as propostas de análise para este tipo de artefactos, nomeadamente provenientes de contextos pré-históricos.

Tivemos assim de adaptar critérios de estudos referentes a colecções da Idade do Ferro, nomeadamente os de SILVA e OLIVEIRA (1999) acerca dos cossoiros de várias Citânias do Norte de Portugal, os de CASTRO CUREL (1980) sobre os cossoiros de sítios de enterramento ibéricos, e ainda os de Teresa PEREIRA (2013) sobre o extenso conjunto de Cabeça de Vaiamonte (Monforte).

Optámos por utilizar as mesmas designações de Teresa Pereira (por sua vez adaptadas de Zaida Castro Curel), por privilegiar as formas geométricas e por ser a tabela mais completa, que inclui praticamente todos os tipos registados na Fraga dos Corvos (PEREIRA, 2013: 688). Esta nova proposta tipológica actualiza as classificações provisórias anteriores (LUÍS, 2010; LUÍS, REPREZAS e SENNA-MARTÍNEZ, 2012). Esta escassez de abordagens metodológicas aos cossoiros resulta, a nosso ver, da fraca representatividade destes artefactos em contextos arqueológicos anteriores à Idade do Ferro. Na maioria dos casos são recuperados apenas um ou dois exemplares em cada sítio, nem sempre completos (e, por vezes, oferecendo dúvidas quanto à sua classificação enquanto cossoiro), sendo apenas assinalada a sua existência e, mais raramente, publicado o respectivo desenho. A descrição dos traços morfológicos e tecnológicos (dos quais destacamos a frequente ausência dos pesos) é muito rara.

Atribuíveis à primeira fase de ocupação da Fraga dos Corvos (Bronze Médio), dispomos de seis exemplares, incluindo quatro tipos morfológicos distintos.

O primeiro deles é o tipo A, Esférico, variante 1, representado por três exemplares (FCORV-A 1000; FCORV-A 2090; FCORV-A 858 – este último de xisto). Segue-se o tipo H, Calote Esférica, variante 1, representado pelo cossoiro FCORV-A 3375, assinalando-se, neste caso, a particularidade de evidenciar uma depressão em toda a parte superior afundando em direcção à perfuração central. O tipo G, Cilíndrico-Esférico, variante 1, está representado pelo cossoiro FCORV-A 1728; no entanto, o nosso exemplar não apresenta uma transição tão marcada entre a parte superior e a inferior, tem um perfil mais ténue (mais em forma de “pêra”). Por último, o tipo D, Bitroncocónico simétrico, subtipo a, variante 1, representado por FCORV-A 2376.

O conjunto atribuível ao Bronze Final / Idade do Ferro é composto por dez exemplares, distribuídos por três tipos morfológicos distintos. O mais representado é o tipo A, Esférico, variante 1, com cinco exemplares (FCORV-A 4103; FCORV-A 4146; FCORV-M 10013; FCORV-M 10280; FCORV-M 11539).

Segue-se o tipo D, Bitroncocónico simétrico, subtipo c, variante 1, com os cossoiros FCORV-M 10130; FCORV-M 10331 e FCORV-M 10394. Por último, o tipo B, Cilíndrico, variante 1, representado por dois cossoiros – FCORV-M 11373 e FCORV-M 11522.

Os dois cossoiros encontrados à superfície (concretamente no estradão florestal que passa a meio do cabeço, junto ao acesso ao Sector A) são ambos de xisto e inserem-se nos tipos D, bitroncocónico simétrico, subtipo a, variante 1 (FCORV-A 4477), e B, cilíndrico, variante 1 (FCORV-A 4478).

Existe ainda um fragmento de possível cossoiro recuperado no Abrigo 2 (FCORV-A2 23) (SENNA-MARTÍNEZ, VENTURA e CARVALHO, 2007) proveniente de contextos remexidos, praticamente à superfície, não sendo, portanto, possível associá-lo a um período cronológico concreto. Enquadra-se no tipo D, subtipo b, variante 1.

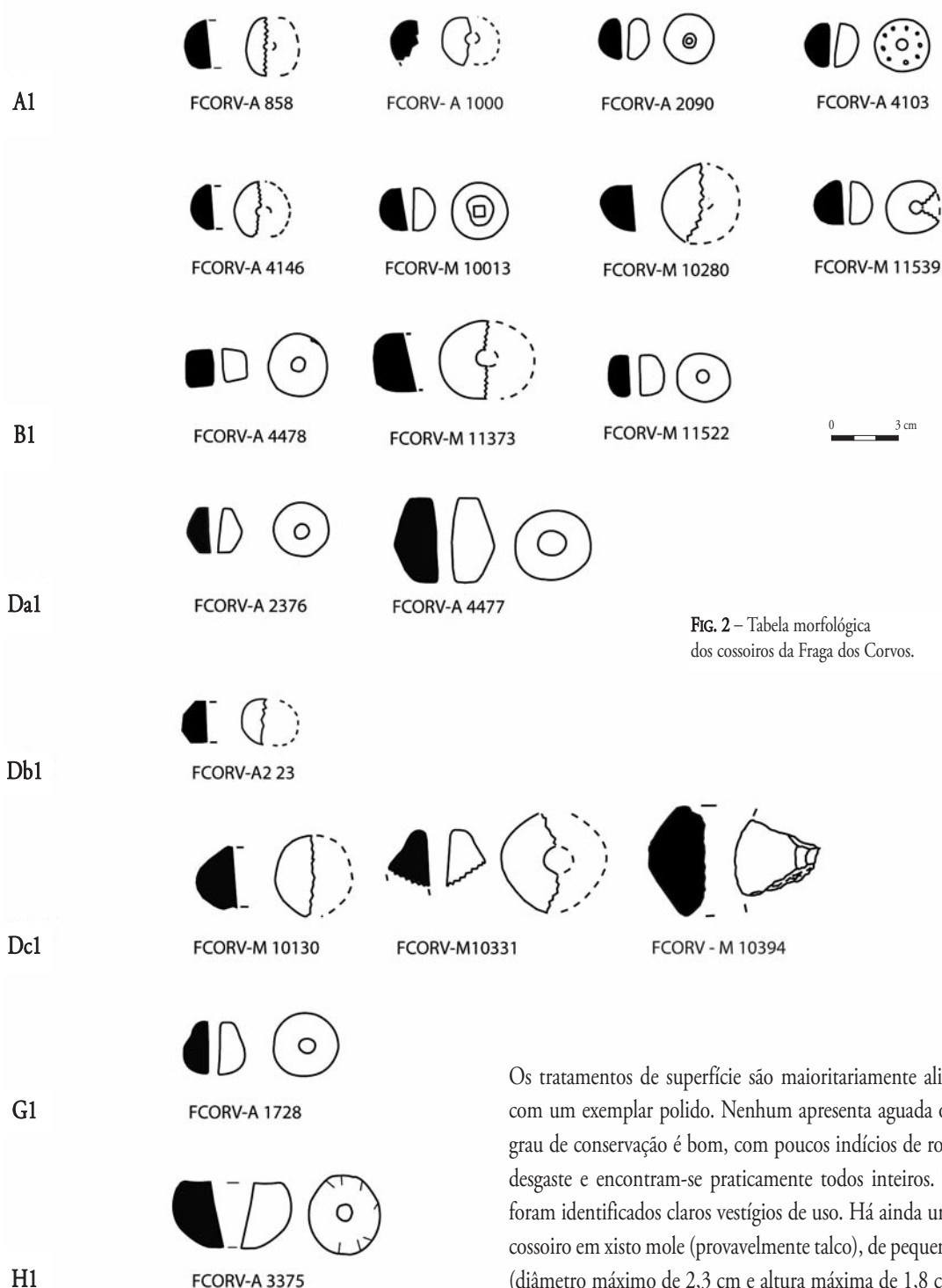


FIG. 2 – Tabela morfológica dos cossoiros da Fraga dos Corvos.

TÉCNICAS DE FABRICO

Os cossoiros do Bronze Médio são maioritariamente de argila e de fabrico manual. Exibem diâmetros compreendidos entre os 2,3 cm e os 3,1 cm, e comprimentos entre os 1,8 cm e 2,4 cm, sendo, portanto, todos de pequeno tamanho. Apresentam todos consistência compacta, elementos não plásticos de pequeno calibre e pouco frequentes (apenas um caso de frequentes), com cozedura redutora (três casos) e oxidante (dois casos).

Os tratamentos de superfície são maioritariamente alisados, apenas com um exemplar polido. Nenhum apresenta aguada ou engobe. O grau de conservação é bom, com poucos indícios de rolamento e/ou desgaste e encontram-se praticamente todos inteiros. Também não foram identificados claros vestígios de uso. Há ainda uma metade de cossoiro em xisto mole (provavelmente talco), de pequenas dimensões (diâmetro máximo de 2,3 cm e altura máxima de 1,8 cm).

No conjunto de exemplares do Bronze Final / Idade do Ferro, são todos de argila e de fabrico manual e heterogéneo. Apenas metade do conjunto proporcionou a medição do diâmetro máximo, sendo que o intervalo se situa entre os 2,2 e os 3,4 cm, ou seja, muito semelhantes ao já verificado no Bronze Médio. O comprimento máximo foi medido em nove dos dez exemplares disponíveis, apresentando um intervalo entre os 1,6 e os 2,6 cm. A sua consistência é 100 % compacta, com elementos não plásticos que oscilam entre os pouco frequentes (sete exemplares) e os frequentes (três exemplares) e, no que diz respeito ao calibre, entre o pequeno (também sete exemplares) e o médio (três exemplares).

O tipo de cozedura dominante é o redutor (cinco exemplares), seguido do oxidante (quatro exemplares) e do redutor com arrefecimento oxidante (um caso). Sete cossoiros apresentam alisamento simples como tratamento de superfície, existindo três casos com polimento; foi ainda identificado um exemplar com engobe vermelho. Ao contrário do verificado para o conjunto do Bronze Médio, estes cossoiros apresentam alguns vestígios de desgaste e erosão e encontram-se, maioritariamente, fragmentados (metades e quartos), havendo apenas três inteiros. Um dos exemplares inteiros (n.º 11522) apresenta uma marca de tonalidade muito escura na base, completamente diferente da sua pasta, que poderá ser interpretada como marca de fogo.

Os dois cossoiros que provêm de recolhas de superfície no cabeço são elaborados em xisto e encontram-se inteiros (FCORV-A 4477 e 4478). O diâmetro máximo dos dois cossoiros é bastante semelhante ao observado nos dois períodos cronológicos considerados, sendo de 2,5 e 2,8 cm. A altura máxima diverge ligeiramente dos valores apresentados, já que aqui se encontram o cossoiro com menor altura (1,4 cm) e também o de maior altura (3,1 cm). Os dois exemplares de xisto encontram-se polidos e um deles (FCORV-A 4477) foi ainda facetado. O fragmento de cossoiro do Abrigo encontra-se mal preservado e muito rolado, revelando menor investimento na produção, pois apresenta elementos não plásticos maiores e mais visíveis.

PESOS

No conjunto de seis exemplares do Bronze Médio foi possível pesar quatro, os que se encontram inteiros. Assim, um deles pesa 11 g, outro 12 g e os dois restantes 21 g. Devido ao estado fragmentário dos exemplares do Bronze Final / Idade do Ferro, apenas em três casos foi possível determinar o peso. Dois exemplares pesam 11 g e um 8 g. Apesar dos poucos exemplares considerados e da sua fraca representatividade estatística, encontramos duas categorias de pesos, uma situada entre os 8-12 g e outra de 21 g.

DECORAÇÃO

No conjunto total apenas três exemplares apresentam decoração. Dois deles na superfície superior e um em todo o perímetro.

Apenas o cossoiro n.º 3375 provém do Bronze Médio.

O exemplar n.º 3375 apresenta pequenos traços incisos em forma de V dispostos à volta do aro exterior do topo do cossoiro, sempre com o vértice a apontar para o centro do mesmo. Estes traços encontram-se muito desgastados.

O n.º 4103 apresenta nove pequenos pontos impressos à volta da perfuração central, com espessuras e profundidades diferentes.

O exemplar n.º 10013 é o que apresenta uma decoração mais complexa e rica, localizada em praticamente toda a superfície exterior. É realizada com recurso a uma incisão fina sobre uma aguada / engobe avermelhado. Os motivos decorativos são variados e parecem estar agrupados em zonas “temáticas”: uma primeira zona delimitada em cima e em baixo (junto às zonas de quebra que ligam o topo e a base) por uma linha dentro das quais se colocou uma banda de pequenos quadrados irregulares acima de traços arredondados genericamente concêntricos; seguida de uma faixa na diagonal preenchida com duas sequências de pequenos rectângulos; seguida de uma banda de linhas em V dispostas na horizontal e sequenciais – em tudo semelhantes às “espigas” típicas do mundo Protocogotas e Cogotas I, abundantes neste sítio arqueológico (ver LUÍS 2010 e 2013), e novamente outra banda diagonal preenchida com pequenos rectângulos. Segue-se uma área onde a delimitação de topo e da base não está presente e onde se identifica o elemento mais original de toda a decoração. Aqui parece estar representado um recipiente cerâmico, colocado na diagonal, caracterizado por uma parte superior que lembra um colo estrangulado e por uma parte inferior globular de base arredondada, mas que no meio parece inflexionar (sendo mais “bicuda”). O topo do cossoiro também se encontra decorado com uma espécie de reticulado convergente para o centro. De destacar que este é o único cossoiro que apresenta uma forma quadrangular no orifício.



FIGS. 3 E 4 –
Cossoiro FCORV-M 10013.

Fotografia de pormenor e desenho da decoração.



DESENHO: Jessica Reprezas.

COSSOIROUS OU CONTAS?

Uma das primeiras dificuldades com que nos deparamos foi a distinção do que é um cossoiro e o que é uma conta (ou botão, por exemplo). De facto, vários dos exemplares aqui considerados apresentam dimensões muito reduzidas e morfologias que fazem lembrar contas de colar, ainda que possam ser grandes para estas últimas. No entanto, *“most round beads, the world over, are less than about 2 cm in diameter, for practical reasons. So a round, centrally pierced object significantly larger than 2 cm across is far more likely to be a whorl than a bead”* (BARBER, 1993: 51), sendo que todos os nossos exemplares apresentam diâmetros superiores a 2 cm. Se o tamanho pode ser indicativo, mais importante consideramos ser o tipo de perfuração para a distinção entre cossoiro e conta: *“the hole in a whorl must be big enough to accommodate a suitable shaft, [...] Liu found that the very smallest holes were 3 to 4 mm, while most ran 7 to 8 mm, occasionally larger”* (IDEM: 52), além da própria forma do orifício. Habitualmente os cossoiros tendem a apresentar uma perfuração cónica, ou seja, com um diâmetro maior no topo do que no fundo (ainda que existam casos em que isto não acontece – ver PEREIRA, 2013; SALVADO, 1981), de forma a que o fuso melhor se encaixe na própria perfuração – *“a straight or slightly tapered bore is ideal for a spindle whorl, although other types are known to have been used”* (BARBER, 1993).

Por outro lado, o peso também constitui um dos melhores indicadores para a distinção de um cossoiro, podendo ainda fornecer indicações sobre o tipo de matéria-prima utilizada: *“a heavy spindle is worse than useless for spinning short fibers like short wool, flax tow, or cotton. It pulls the fibers out so fast to their ends that the thread constantly breaks, if it can be spun at all. So for short fibers a light spindle is absolutely necessary. [...] A broad whorl gives a long, slow spin, whereas a whorl of the same weight with a small diameter spins very fast, and for a short time. [...] The whorl of smaller diameter will be selected to produce a tightly spun thread with many twists per unit of length, and the whorl of larger diameter will be used to make looser thread, with fewer twists”* (BARBER, 1993: 52-53).

O intervalo de pesos identificado na Fraga dos Corvos é de 8 a 65 gramas, com maior incidência nas 11-12 g e nas 21 g. Atendendo a dados publicados referentes a outros conjuntos de cossoiros, estes podem perfeitamente ter operado enquanto cossoiros (PEREIRA, 2013: 686; BARBER, 1993: 52; SALVADO, 1981: 8-13).

Pelo exposto, optámos por considerar todos os exemplares como cossoiros, ainda que exista a possibilidade de os mais pequenos, do tipo A1, poderem ter sido contas elaboradas com as mesmas características e com as mesmas técnicas dos cossoiros. Estudos de Arqueologia Experimental poderiam auxiliar nesta questão.

DISCUSSÃO

Os cossoiros provenientes da fase mais antiga de ocupação – Bronze Médio – são os que nos causam maiores dificuldades de análise. De facto, atendendo aos dois conjuntos verifica-se que não existem diferenças significativas – todos os exemplares são de pequena dimensão, predomina o mesmo tipo morfológico (o A1), e estão também presentes cossoiros bicónicos em ambos os contextos; ocorre ainda a convergência (exacta em dois casos) dos pesos. Acrescenta-se que é exactamente em contexto de Bronze Médio que se encontra o cossoiro mais *suis generis*, FCORV-A 1728, o que apresentou maiores dificuldades de integração tipológica. Por outro lado, as evidências de cossoiros deste mesmo período são escassas e as que encontramos são provenientes de contextos muito distantes do Nordeste português.

Cinco dos seis cossoiros deste período são provenientes da Sondagem 2 do Sector A e todos eles do canto Sudeste dessa mesma sondagem, estando, por isso, situados com muita proximidade uns dos outros. São provenientes de duas unidades estratigráficas sequenciais (U.E. [151] e [152] – SENNA-MARTÍNEZ e LUÍS, 2011), que materializam duas das fases de ocupação do sítio. Não temos qualquer evidência, além destas interrogações, para supor que estas camadas tenham sofrido perturbações e/ou intrusões posteriores, mas a fraca potência estratigráfica desta área (cerca de 20-30 cm) e a presença, a cerca de sete ou oito metros a Norte, de um ambiente de ocupação distinto mas datado do Bronze Final / Idade do Ferro (contudo seguindo-se a uma abrupta ruptura de nível), inclusivamente no qual se regista a presença de dois cossoiros e de agulhas metálicas, leva-nos a colocar a hipótese de estes materiais poderem ter percolado para níveis mais antigos. Apesar de tudo, optámos por analisá-los em separado e associá-los ao seu contexto de achado, permanecendo porém estas interrogações. Talvez a recuperação futura de cossoiros em outros contextos do Bronze Médio possa contribuir para esclarecer esta questão.

Já os cossoiros do Bronze Final / Idade do Ferro permitem tecer um conjunto de considerações mais alargado.

Em primeiro lugar, as suas características morfológicas – pequeno tamanho, peso reduzido – levam-nos a equacionar um tipo de fiação direccionado para a produção de meadas de fio fino (BARBER, 1993: 52; ALFARO GINER, 1984: 79; CASTRO CUREL, 1980: 143), além de que a própria leveza do cossoiro permitiria que este atingisse uma velocidade considerável ao mesmo tempo que não causava que o fio se partisse. Este tipo de fiação parece ser adequado a *“short fibers”*, como acima mencionado, ou seja, à lã e ao linho.

Por outro lado, o investimento na produção de cossoiros, genericamente de boa qualidade, não esquecendo o exemplar FCORV-M 10013 com a sua decoração excepcional, associado à produção de agulhas metálicas, também estas com um investimento significativo, parece indicar que a actividade de produção de linhas e a sua transformação deverá ter tido um papel de destaque dentro da comunidade.

Relacionando a quantidade de área escavada (níveis superficiais) com o número de exemplares disponíveis no Sector M (Bronze Final / Idade do Ferro) – dez exemplares –, parece-nos que esta actividade, a de fiar, ocuparia uma parte significativa das que tiveram lugar nesta área. Ainda não se encontra definida a natureza da ocupação do Sector M – não se pode ainda assegurar se se trata efectivamente de um espaço habitacional, por exemplo –, mas a quantidade de elementos tradicionalmente considerados de excepção que já foram recuperados, nomeadamente dez fíbulas, uma pinça metálica, entre outros (SENNA-MARTINEZ *et al.*, 2012), aguça-nos a curiosidade. E este tema torna-se ainda mais relevante quando considerado à escala regional.

Uma das principais dificuldades em caracterizar o Sector M e em situá-lo cronologicamente (enquanto não existem datações) é o desconhecimento da realidade arqueológica do Bronze Final e dos inícios da Idade do Ferro em Trás-os-Montes (REPREZAS, 2013). Os paralelos directos para os artefactos provenientes deste sector são escassos e, por vezes, longínquos, pelo que a inferência de um faseamento e de outro tipo de considerações pode ser arriscada, mas, por ora, é o que é possível. Que conheçamos, o sítio escavado mais perto no qual tenham sido recolhidos cossoiros é o Crasto de Palheiros, em Murça, com uma colecção de 16 peças, ainda que provavelmente um pouco mais recentes que os da Fraga dos Corvos. Estes apresentam proveniências estratigráficas distintas mas são todos integráveis na Idade do Ferro: “podemos dizer que todos os cossoiros encontrados são de cronologia tardia, entre o século III AC e o I DC” (PINTO, 2008: 152), subdivididos em quatro tipos morfológicos: achatado ou em fita, de secção sub-retangular; esferoidal ou esférico; volumoso de perfil hexagonal; esferoidal achatado (IDEM).

Pensamos que os cossoiros de perfil hexagonal sejam semelhantes ao tipo D – bitroncocónicos, assim como os esféricos aos de tipo A, ou seja, existe uma semelhança formal entre os cossoiros da Fraga dos Corvos e os do Crasto de Palheiros, ainda que haja, provavelmente, um hiato cronológico entre as duas ocupações.

Apesar de as evidências ainda serem muito escassas e apesar de o tipo de inferências que se seguem serem prematuras e arriscadas, não podemos deixar de relacionar, numa forma hipotética, sublinhe-se, a produção de fio de alguma qualidade na Fraga dos Corvos (e no Crasto de Palheiros?) com a tradição de fabrico de linho de grande qualidade no Noroeste peninsular referenciada pelos escritores clássicos: “também a cultura do linho é mencionada por Estrabão (III 3,6). De acordo com o autor a produção destinava-se à confecção de vestuário pois grande parte dos guerreiros usava saíotes de linho. Plínio (XIX, 10) refere que este produto destinava-se ao fabrico de redes de caça e que seria exportado para a península Itálica [...]” (BARRANHÃO e TERESO, 2006: 8).

É ainda de considerar que o território em que a Fraga dos Corvos se insere é geralmente atribuído ao povo pré-romano *Zoelae*, que Plínio relaciona directamente com a produção de linho (GUERRA, 1995, citado por TERESO, 2007: 35-36). Existe assim a possibilidade de a produção de linho ter sido iniciada / desenvolvida em períodos bastante anteriores à chegada dos contingentes romanos e que assuma uma tradição local / regional com algum significado. E, indo mais além, a possível produção de linho da Fraga dos Corvos poderá ter sido levada a cabo por antepassados desses *Zoelae*? Fica o desafio. 🐉

BIBLIOGRAFIA

- ALFARO GINER (1984) – *Tejido y Cestería en la Península Ibérica: historia de su técnica e industrias desde la prehistoria hasta la Romanización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Prehistoria (Biblioteca Prehistorica Hispana, 21).
- BARBER, E. J. W. (1993) – *Prehistoric Textiles: the development of cloth in the Neolithic and Bronze Ages with special reference to the Aegean*. Princeton University Press.
- BARRANHÃO, H. e TERESO, J. (2006) – “A Terronha de Pinhovelo na *Ciuitas Zoelorum*: primeira síntese”. *Cadernos Terras Quentes*. 3: 7-26.
- CASTRO CUREL, Z. (1980) – “Fusayolas Ibéricas, antecedentes y empleo”. *Cypsel*. 3: 127-146.
- FABIÁN GARCÍA, J. F. (2004) – *El IV y III milenio AC en el Valle Amblés (Ávila)*. Junta de Castilla y León (*Arqueología en Castilla y León*, 5).
- JOVER MAESTRE, F. J.; LÓPEZ PADILLA, J. A.; MACHADO YANES, C.; HERRÁEZ MARTÍN, M. I.; RIVERA NÚÑEZ, D.; PRECIOSO ARÉVALO, M. I. e LLORACH ASUNCIÓN, R. (2001) – “La Producción Textil Durante la Edad del Bronce: un conjunto de husos o bobinas de hilo del yacimiento de Terlinques (Villena, Alicante)”. *Trabajos de Prehistoria*. 58 (1): 171-186.
- LUÍS, E. (2010) – *A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o conjunto cerâmico da Sondagem 2 do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- LUÍS, E. (2013) – “Dinâmicas de Interação Cultural no Bronze Médio: a cerâmica decorada do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) como estudo de caso”. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. e NEVES, C. (coords.). *Arqueologia em Portugal, 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 573-579.
- LUÍS, E.; REPREZAS, J. e SENNA-MARTINEZ, J. C. (2012) – “A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A Campanha 9 (2011). Primeira análise comparativa dos Sectores A e M: I Idade do Bronze / Bronze Final?”. *Cadernos Terras Quentes*. 9.
- MATOS, D. (2011) – “A Exploração do Quartzo e do Xisto: a indústria lítica do sítio de habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)”. *Cadernos Terras Quentes*. 8: 47-54.
- PEREIRA, T. R. (2013) – “Por um Fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaíamonte (Monforte/Portugal)”. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. e NEVES, C. (coord.). *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- PINTO, D. (2008) – “Algumas Notas Finais Relativas às Materialidades do Crasto de Palheiros Durante a Idade do Bronze Final / Idade do Ferro”. In SANCHES, M. J. (coord.). *O Crasto de Palheiros, Fragada do Crasto, Murça, Portugal*. Município de Murça, pp. 150-153.
- RAFAEL FONTANALS, N. (2007) – “El Textil como Indicador de Género en el Registro Funerario Ibérico”. *Treballs d'Arqueologia*. 13: 115-146.

- REPRESAS, J. (2013) – “Existe uma «I Idade do Ferro» em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros)”. *Cadernos Terras Quentes*. 10: 123-128.
- RIPOLLÉS ADELANTADO, E. (1997) – “La Ereta del Castellar (Vilafranca): avance a la revisión de un yacimiento del Bronce Valenciano”. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 22: 157-178.
- RODRÍGUEZ-MALO, J. M. R. (1999) – “Cerámica Prehistórica en Talavera y su Comarca. Visión de conjunto”. *Boletín de la Sociedad Española de Cerámica y Vidrio*. 38 (4): 297-306.
- RUIZ DE HARO, M. I. (2012) – “Orígenes, Evolución y Contextos de la Tecnología Textil: la producción del tejido en la y la protohistoria”. *Arqueología y Territorio*. 9: 133-145.
- SALVADO, P. (1981) – *Fusaiolas do Povoado de S. Martinho (Castelo Branco) do Museu Tavares Proença Júnior*. Separata. Instituto Português do Património Cultural, Museu Tavares Proença Júnior.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2011) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): um sítio de habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 8 (2010)”. *Cadernos Terras Quentes*. 8: 33-45.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2011) – “First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site”. In MARTINS, C. B.; BETTENCOURT, A. M. S.; MARTINS, J. I. F.P. e CARVALHO, J. (eds.). *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental / Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe*. Braga: CITCEM, APEQ, FEUP, pp. 381-394 (*Proceedings of the First International Congress, Braga, 2010*).
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; REPRESAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S. S.; ARAÚJO, M. F. e SILVA, R. J. (2012) – “Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): a first appraisal”. *O Arqueólogo Português*. Série V. 2: 241-263.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. e CARVALHO, H. (2007) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): um sítio da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A campanha 4 (2006)”. *Cadernos Terras Quentes*. 4: 85-110.
- SILVA, M. F. M. e OLIVEIRA, P. P. (1999) – “Estudo Tipológico dos Cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa)”. *Revista de Guimarães*. Volume Especial, II, pp. 633-659.
- TERESO, J. (2007) – *Paleobotânica do Povoado Romano da Terronha do Pinhovelo (NE transmontano)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, policopiado.